JOSÉ HENRIQUES BARATA
Professor do Liceu de Aveiro

Portugal e os Geógrafos Estrangeiros

CONFERENCIA PRONUNCIADA NO LICEU DE VISEU EM 1 DE JUNHO DE 1929

Com ALGUMAS PALAVRAS do Ex.mo Sr. Coronel Numa Pompilio e a ALOCUÇÃO proferida, na sessão da conferência, pelo Ex.mo Sr. Reitor do Liceu de Viseu

1929
TIP. "CASA MINERVA."
(EDITORA)
ÍLHAVO
Depositário: *Gráfica Aveirense* — Aveiro

CT
R

Ao seu condiscípulo
e amigo Dr. Silvio
Pélico
homenagem do
Autor - J. Barata

Aveiro
1-1-30

Portugal e os Geógrafos Estrangeiros

JOSÉ HENRIQUES BARATA
Professor do Liceu de Aveiro

Portugal e os Geógrafos Estrangeiros

RC
MNCT
91
BAR

Conferência pronunciada no Liceu de Viseu em 1 de Junho de 1929

Com ALGUMAS PALAVRAS do Ex.mo Sr. Coronel Numa Pompilio e a ALOCUÇÃO proferida na sessão da conferência, pelo Ex.mo Sr. Reitor do Liceu de Viseu

1929
TIP. "CASA MINERVA,,
(EDITORA)
ILHAVO

JOSÉ HENRIQUES BARATA
Professor do Liceu de Aveiro

Portugal e os Geógrafos Estrangeiros

Conferência pronunciada no Liceu de Viseu em 1 de Junho de 1929

Com ALGUMAS PALAVRAS do Ex.mo Sr. Coronel Nunes Pamplona e a ALOCUÇÃO dirigida ao assistir à conferência pelo Ex.mo Sr. Reitor do Liceu de Viseu

1929
TIP. CASA MINERVA
(EDITORA)
AVEIRO

Ao Dr. José Pereira Tavares

Reitor do Liceu de Aveiro

O. e D.

J. BARATA

Ao Dr. José Pereira Tavares

Reitor do Liceu de Aveiro

O. e D.

J. BARATA

EXPLICAÇÃO PRELIMINAR

Alguns amigos insistiram comigo para que fôsse impressa a conferência pronunciada no liceu de Viseu em 1 de Junho de 1929, sôbre « Portugal e os geógrafos estrangeiros », *a última do ciclo do intercâmbio de cultura promovido pelos Conselhos escolares dos liceus de Viseu e de Aveiro.*

A Tipografia Casa Minerva *prontificou-se gentilmente a editá-la.*

A insistência dos amigos e a colaboração do sr. Ulisses Nação, proprietário da Tipografia Casa Minerva, *determinaram a publicação da modesta conferência, que outro valor não tem, senão o de chamar a atenção das entidades competentes para um assunto da mais alta importância nacional.*

Vai precedida duma Carta *do Ex.mo Sr. Coronel Numa Pompílio, presidente da sessão solene em que se realizou a conferência e um dos mais entusiastas animadores do intercâmbio de cultura, e da brilhante alocução pronunciada pelo Ex.mo Sr. Reitor do liceu de Viseu, Dr. José Augusto Cardoso, nessa sessão patriótica de 1 de Junho.*

Aqui lhes deixo consignada a homenagem da minha gratidão.

A conferência proferida em Viseu (acrescentada agora de algumas notas explicativas e de indicações bibliográficas) não obedece ao critério rígido de apoucar os méritos de alguns geógrafos e professores de geografia estrangeiros, porque êles desconhecem todos os aspectos geográficos da nossa terra. Não ignoramos que os portugueses têm de Portugal um conhecimento bem imperfeito, e que alguns estrangeiros nos véem ensinar a história do ôvo de

Colombo, revelando-nos certos aspectos do Portugal... desconhecido, *para me servir da expressão do ilustre universitário A. de Amorim Girão. A verdade, porém, é que são para lamentar os erros, deslizes e precipitações em que constantemente estão caindo, sôbre os rasgos fundamentais do nosso território, certos geógrafos de além-fronteiras. São também para lamentar os propósitos bem evidentes, por parte de alguns Mestres, de apoucar e denegrir a acção civilizadora dos portugueses no áureo período das Descobertas, numa reïncidência que provoca a nossa justa repulsa.*

Acreditando que não será impossível fazer uma larga e fecunda propaganda da terra portuguesa, impondo ao Mundo as verdades do nosso passado histórico, escreveu-se o modesto trabalho para a série de conferências do intercâmbio cultural entre os liceus de Viseu e de Aveiro.

Aveiro, 15 de Dezembro de 1929.

José H. Barata

Algumas palavras do Ex.mo Sr. Coronel Numa Pompilio

Por uma feliz idea dos ilustres Reitores dos Liceus de « Alves Martins », de Viseu, e «José Estêvão», de Aveiro, realizaram-se nas duas cidades, em feliz e proveitoso intercâmbio, várias conferências feitas por distintos professores dos dois estabelecimentos.

Tive a honra de presidir às que tiveram lugar em Viseu.

Num impulso de verdadeira Justiça, dando ao mesmo tempo curso ao cumprimento do meu dever de Chefe do Distrito e à satisfação que me dominava, levei oficialmente ao conhecimento do Ministério da Instrução Pública o que se havia passado, e que representava um esfôrço verdadeiramente notável por parte dos mencionados Reitores e Professores conferentes — bem digno de justo galardão que os recompensasse e servisse de estímulo a futuros cometimentos — dêles e dos seus colegas.

Vi, depois, naturalmente atendido o meu pedido.

Agora, tendo conhecimento de que um dos ilustres conferentes está na idea de publicar o seu trabalho — sendo certo que isso mesmo eu lhe alvitrei, assim como aos outros professores, quando presidi — apraz-me expor em breves palavras o que ainda hoje penso quanto ao assunto escolhido e ao mérito de que é crèdor.

Refiro-me à conferência do Ex.mo Snr. Dr. José Henriques Barata, Professor no Liceu de « José Estêvão » .

Cumpro assim com um dever de consciência e satisfação, bem dentro e só dentro da verdade, satisfazendo aos desejos que me foram manifestados.

Considerei e considero proveitosíssima — a todos os aspectos — a lição enunciada, já porque abordou um assunto dos mais palpitantes no sentido de bem definir e esclarecer as nossas diversas relações e situações perante a opinião dos técnicos estrangeiros, já porque deu naturalmente margem a considerações de natureza patriótica, que são sempre necessárias nestes tempos em que um derrotismo aviltante ainda infelizmente nos acompanha.

O ilustre professor conferente assim o entendeu, produzindo considerações que, dentro da boa e serena apreciação do numeroso e selecto público que o escutou, causaram impressão inesquecível.

Admirável na forma; repleta de conceitos oportunos e valiosos; elucidativa eficazmente para bem demonstrar o nosso grande valor nas suas várias

formas e aspectos — e, sobretudo — de elevada unção patriótica, a fazer vibrar intensamente a alma portuguesa, essa conferência marcou em letras de ouro na História do Liceu de Viseu, sendo no final coroada de merecidos e fartos aplausos.

Alegra-me, ao relembrá-la —, a idea manifestada anteriormente e que vai ser agora convertida em facto, de poder voltar a conhecê-la por uma leitura atenta e cuidadosa — que o mesmo é que renovar-lhe o culto da minha homenagem — embora lhe falte a vida que lhe imprimiu o seu autor — quando, cheio de calor e de entusiasmo, fêz levantar, palpitantes de orgulho pela Raça, todos os assistentes.

Viseu, 19 de Setembro de 1929.

Coronel Numa Pompilio

Alocução do Reitor do liceu de Viseu

Ex.mo Snr. Governador Civil;
Minhas Senhoras;
Meus Senhores:

V. Ex.as tiveram o prazer de verificar que não me enganei quando, da última vez, aqui disse que o Snr. Dr. Francisco Ferreira Neves era conhecedor dos métodos scientíficos empregados em questões filológicas.

A verdade é que foi indubitàvelmente interessante a rigorosa aplicação do método de filiação histórica à resolução do *Problema da Origem e Etimologia de Aveiro.*

S. Ex.a aplicou-o com rigor análogo ao que, com certeza, põe nas demonstrações matemáticas pelo método dedutivo.

Minhas Senhoras;
Meus Senhores:

No momento presente, que é de festa e de brilho para êste Liceu, o meu espírito experimenta uma sensação mixta de alegria e de saüdade.

E é bem fácil de compreender por quê:

Encerra-se hoje de uma maneira solene, felizmente só por êste ano, o movimento de cultura intelectual que êste Liceu e o de Aveiro promoveram e levaram a cabo com um brilhantismo superior a todas as espectativas.

E, para que êste brilhantismo fôsse ainda maior, dignou-se S. Ex.a o Ministro da Instrução Pública fazer-se representar nêste acto pelo Ilustre Governador Civil dêste Distrito.

Em meu nome pessoal e no do Conselho Escolar dêste Liceu, agradeço a S. Ex.a a honra concedida, que servirá de estímulo a maiores empreendimentos e solicito de V. Ex.a, Senhor Governador Civil, a fineza de o comunicar oficialmente.

Como V. Ex.as vão verificar, a sessão de hoje fecha o movimento dêste ano com chave de oiro.

O Snr. Dr. José Barata, ilustre professor de Geografia e História no Liceu de Aveiro, vai desenvolver, com o seu saber e com o seu talento, um assunto palpitante de interêsse patriótico.

Intitula-se o trabalho que vamos ter o prazer de ouvir — « *Portugal perante os modernos geógrafos estrangeiros* ».

Tenho grande prazer que aqui se analise e se discuta um assunto desta natureza e, entre os motivos que provocam êste meu sentir, quero salientar dois:

O primeiro é, ao mesmo tempo, de aspecto scientífico e patriótico, visto que é de sobejo conhecido e, ainda ha pouco, foi brilhantemente lembrado pelo dis-

tinto oficial da Armada Portuguesa, Snr. Henrique Lopes de Mendonça, quando disse que

«*Desde o alvorecer da História, nunca houve revolução mais fecunda em resultados para a Civilização do que aquela que, iniciada por Portugal e seguida a breve trecho pela Espanha, levou o Homem à conquista integral do Planeta*».

O segundo motivo é puramente scientífico, e, como V. Ex.as mais uma vez vão ter a paciência de ouvir, anda ligado à minha conhecida admiração pela Matemática.

Com efeito, o progresso da Geografia como Sciência está intimamente ligado ao da Astronomia e, como esta só pôde progredir no dia em que se conheceram as primeiras noções de Geometria e de Cálculo, verifica-se implìcitamente que o progresso da Geografia depende do da Matemática.

E, entre parêntesis, notemos que:

Se existe uma Sciência, cujos resultados sejam de natureza a encher de admiração os espíritos, mesmo os daqueles que estão nela menos iniciados, essa é seguramente a Astronomia.

Chega-se por meio dela a poder conhecer o futuro debaixo do ponto de vista dos fenómenos celestes. E' esta faculdade de predição, exercendo-se sôbre assuntos à primeira vista inacessíveis, que força a admiração do vulgo e lhe faz atribuir uma espécie de poder misterioso.

Debaixo do ponto de vista filosófico, é a Astronomia, de tôdas as aplicações da Sciência Pura, mercê das suas circunstâncias especiais, aquela cujos fenómenos se encontram em mais flagrante concordância.

Eu tenho aqui falado com tal calor e entusiasmo da Matemática, que é possível supor-se que a julgo infalível, tendendo a levar-nos para o absoluto.

Não. A Matemática não é infalível, porque é ela mesmo que nos adverte de que cometemos erros quando aplicamos o Cálculo ou a Sciência da Extensão ao mundo real, em razão de os objectos sôbre que incide a nossa aplicação serem diferentes dos criados pela abstracção. E o seu auxílio é tão grande, que, em certos casos, nos ensina a determinar êsses erros e, portanto, a corrigir os primitivos resultados.

A verdade é que, num Problema de aplicação, é a Matemática Pura quem nos fornece as fórmulas ou os raciocínios infalíveis; é a Matemática Aplicada que completa a obra, mostrando-nos a fatalidade — a necessidade do êrro.

Mas notemos que um êrro só é perigoso, quando o desconhecemos.

Prevenidos, pomo-nos em guarda contra êle; e, se lhe conhecemos os limites, torna-se em benefício.

Por ser grato ao meu coração de Português e por vir a propósito destas considerações, seja-me lícito citar os dois ousados aviadores — *Gago Coutinho* e *Sacadura Cabral* — que realizaram pelos ares uma façanha portentosa, nas mesmas condições em que os Nossos Maiores partiram, pelo mar, à descoberta de Novos Mundos.

Sabe-se que êstes dois também não foram a acertar, pois iam providos de instrumentos de observação, por êles modificados, e de métodos de cálculo expeditos, por êles descobertos, que permitem aos aviões, nas grandes travessias oceânicas, a orientação directa e segura para o ponto a atingir.

E, assim, mais uma vez se confirmou que, em empreendimentos de portugueses, se conjugam sempre a grandeza da concepção, a audácia da execução e a cuidada preparação scientífica, e que são os Homens de Sciência da Nossa Terra que, para essa preparação, fornecem os elementos necessários.

Tôdas estas considerações me afastaram involuntàriamente do cumprimento do meu dever — *a apresentação do nosso ilustre Conferente de hoje.*

Que S. Ex.a me perdoe a demora; mas, atendendo a que Portugal é às vezes

apoucado nos seus merecimentos, no seu valor e até nos seus legítimos direitos, torna-se necessário pôr as coisas nos seus devidos lugares.

Como já disse, o Snr. Dr. José Barata é um dos professores mais distintos do Liceu de Aveiro e posso-o afirmar, sem receio de me enganar, porquanto já tive o prazer de fazer serviço de exames com S. Ex.ª.

Quando S. Ex.ª fez exame de Estado, apresentou uma tese em que se revela conhecedor dos métodos actualmente seguidos no ensino da Geografia, que, como as restantes Sciências Naturais, tem por base *a observação* e *a experiência*.

Dêste modo, preconiza S. Ex.ª o uso, e não o abuso, de excursões, cinematografia, etc.

Como patriota que S. Ex.ª é, não podia esquecer-se do muito que a Sciência Geográfica deve a Portugal e assim é que dedica um capítulo especial à obra gigantesca realizada pelos portugueses nos séculos XV e XVI.

Em meu nome pessoal e no do Conselho Escolar dêste Liceu, apresento a S. Ex.ª os nossos entusiásticos agradecimentos pela subida honra que nos deu em vir fechar o ciclo de conferências com o notável trabalho que vamos ter a ventura de ouvir.

Aceite, pois, S. Ex.ª as nossas antecipadas felicitações.

Não quero dar por findas as minhas considerações sem, de harmonia com o meu procedimento anterior, exortar os alunos do meu Liceu a esmerarem-se por cumprir sempre o seu dever para com a Família, para com a Pátria e para com a Humanidade.

No momento actual observa-se, infelizmente, uma grande crise de carácter, e é absolutamente necessário que a geração a que Vós pertenceis se salve de tamanha calamidade e de tamanho perigo.

Se bem repararmos, essa crise de carácter é quási exclusivamente uma crise de vontade.

O ideal de Beleza e de Perfeição, que todos temos obrigação de pretender atingir, consegue-se pela aplicação constante, mas raciocinada, dum Princípio que, a-pesar-de velho, é sempre novo, porque é comum a todos os sistemas filosóficos que tenham por ideal — *O Bem*.

Refiro-me à máxima de Sócrates

Nosce te ipsum.

Que cada um de Vós comece por se conhecer, principalmente nos seus defeitos, e que num trabalho lento, mas contínuo, se esforce por orientar e dominar até a vontade no sentido mais conveniente à realização daquele ideal de Beleza e de Perfeição em que vos estou falando.

E agora, para terminar de vez, resta-me dizer a todos V. Ex.as:

Muito e muito obrigado pelo carinho e atenção que vindes dispensando ao brilho e ao progresso dêste Liceu.

Disse.

Pensemos, em relação a Portugal, aquilo que Jean Brunhes, geógrafo eminente e patriota excelso, escreveu para a mocidade escolar da França:

CHACUN DE VOUS, enfants, porte un peu de la France avec lui; bien mieux, IL EST UNE PARCELLE DE LA FRANCE. Il DOIT partout la faire respecter et aimer; et, sentant quel honneur est le sien d'appartenir à une belle patrie, il DOIT en tous ses actes la respecter lui-même et la servir.

Pensemos, em relação a
Portugal, aquilo que Jean
Brunhes, geógrafo emi-
nente e patriota exceloso,
escreveu para a mocidade
escolar da França:

CHACUN DE VOUS, enfants, porte un
peu de la France avec lui; bien mieux:
IL EST UNE PARCELLE DE LA
FRANCE. Il DOIT parfaire la (aire res-
pecter et aimer; et sentant quel hon-
neur est le sien d'appartenir à une
belle patrie, il DOIT en tous ses actes
la respecter lui-même et la servir

Snr. Presidente,
Snr. Reitor,
Prezados colegas,
Minhas Senhoras e
Meus Senhores

Talvez cause estranheza que esta tribuna seja ocupada hoje por quem não tem o seu nome aureolado, nem como professor, nem como tribuno ou conferencista.

E essa estranheza aumenta, decerto, se os meus ouvintes recordarem os nomes dos meus colegas que neste mesmo lugar marcaram, com brilho e simpatia, os seus créditos de professores competentes e distintos.

Por vós, não abençôo a sorte benévola que me reservou a ventura de vir a esta terra, e a êste lugar de honra, compartilhar do encanto espiritual que irradia dêste intercâmbio de cultura.

Confesso-o, sem falsa modéstia: as minhas fôrças são pequenas para poder fechar com chave de oiro as veladas literárias que vós tendes louvado.

Mas por mim, Senhores, eu abençôo a sorte benévola que me reservou tão grande ventura, devendo vós perdoar-me que vos enfade para eu poder gozar esta hora de emoção e de beleza.

Vir a Viseu, a cidade do heroismo e da Fé, a rainha das Beiras pelo resplendor da sua devoção patriótica, é recolher no fundo do nosso coração o aroma dos grandes ideais da Vida, é auscultar as vibrações profundas dêste amor à Terra-Mãe que foi, desde Viriato, a *vis mistica* do vosso batalhar eterno.

Se residem aqui, nesta cidade que é arca santa de antigas

e boas tradições, a recordação, a glória, a vida moral de tantos portugueses que tiveram a inflamar-lhes o ânimo a fé na bravura e na bondade, esta hora é para mim de emoção e de beleza.

Demais, eu sou filho da montanha, quási vosso patrício, quási vosso irmão, e não é sem emoção e alegria funda que os meus olhos caem, tontos de prazer, nesta áspera païsagem que tem o mesmo encanto, tantas vezes apetecido, do lugarejo da Estrêla onde nasci.

*
* *

Ao escolher para tema da minha conferência — «*Portugal e os geógrafos estrangeiros*» —, animou-me o desejo de fazer vibrar o sentimento patriótico, de gritar bem alto a nossa repulsa por todos aquêles que, para àlém das fronteiras, esquecem o nosso passado, ignoram o nosso presente e escarnecem do nosso futuro.

Preferi dar-vos, em vez duma conferência, rica em citações, o relato simples duma afronta.

Poucas palavras me bastam para fazer êsse relato; de poucas tenho necessidade para definir a amargura que essa afronta me provoca.

Quero, antes de tudo, definir com precisão o que seja o patriotismo que me anima neste combate à indiferença, ao egoísmo, à ingratidão, à mentira, ao ódio e ao despeito lançados sôbre um Povo que tem sete séculos de História.

Há um patriotismo mal pensado, que pode ser funesto à Pátria e ao patriota: refiro-me a um falso patriotismo, a que darei o nome preciso de megalomania patriótica, donde derivam o nativismo ilógico, o estreito espírito de bairrismo, a má vontade contra os filhos de outras pátrias, a criação de fronteiras morais entre os povos.

Dêsse falso patriotismo, perigosa exacerbação do orgulho nacional, o mais freqüente sintoma é a vaidade com que se

diz habitualmente: «êste país é o mais belo, ou o mais rico do mundo».

A consideração exagerada do próprio mérito é um grave defeito, porque quem se ilude, admitindo a própria perfeição, é incapaz de progredir.

Fujamos dêste falso patriotismo, que nos pode transformar em faquires, mergulhados em mórbida autolatria nacional. Hipertrofia da vaidade, não a admitamos.

Para louvar Portugal, para o amar como é preciso que seja amado, para o defender, na grandeza do seu Passado e na esperança do seu Futuro, não é mister exagerar-lhe o crédito e o valor moral.

Mas, se não devemos querer êsse orgulho exagerado, condenável pelos ruins efeitos que dêle podem resultar, também não devemos querer essa «*paralisia moral*», de que nos fala Carlyle, essa atrofia crónica da alma, que é um pessimismo criador de escravos.

A primeira manifestação do pessimismo é o desrespeito, a negação do mérito, do esfôrço, da beleza, da virtude.

Ao falar de *Portugal e os geógrafos estrangeiros,* não me perturba o sentimento dum louco orgulho patriótico, mas também não me envolve essa terrível doença de paralisia moral, criadora de escravos submissos.

Entre o delírio das grandezas e a apatia da demência, há o justo amor da Pátria, que vai procurar a sua seiva no padecimento das gerações que antes da nossa viveram e penaram na terra que servimos e adoramos.

Pelos que morreram e pelos que hão de vir, digamos aos sábios do estrangeiro que respeitem a Verdade, quando de nós queiram falar.

*

* *

Minhas Senhoras e
Meus Senhores:

Ao estudar a situação de Portugal em relação aos geó-

grafos estrangeiros, o que primeiro surpreende é o facto doloroso de se pretender amesquinhar, diminuir ou esquecer a acção gloriosa dos portugueses na época dos grandes descobrimentos marítimos e terrestres.

E, todavia, as grandes descobertas foram o facho luminoso que desvendou os mistérios profundos dos mares e das terras, das coisas e dos homens.

Foram um clarão nas trevas do Tempo, inundando de luz humana os litorais e as ilhas, os continentes e os oceanos, os rios e os montes, do equador aos polos, como se a Terra coubesse inteirinha nas mãos dos nossos avós.

Por maior que seja a nossa devoção patriótica,—enorme que seja o resplendor que da memória desses gigantes do mar venha até nós—, não podemos medir com justeza as proporções do feito, nem compreender de quanta amargura, de quanto sangue se alicerçou a nossa glória.

O mar era, então, tenebroso, cheinho com os monstros da fábula, com as sereias enganadoras, com os assaltos dos tritões. As naus, únicos seres vivos na imensidade deserta, eram duma fragilidade que hoje perturba a nossa razão. O céu e o mar, confundidos na mesma escuridão de mistério.

Foi neste scenário que se moveram as figuras épicas de quatrocentos.

Elas lá vão, o vento a enfunar as velas, as quilhas rasgando as brancas crinas do mar, e do seu porfiado labor as terras de mistério vão emergindo do fundo violáceo das águas.

Maravilha das maravilhas! Aqui, uma ilha a mais; àlém um novo continente; aqui e àlém, espaços iluminados onde antes fôra a negra noite.

Jornadearam em todos os rumos, mediram em tôdas as distâncias, êsses bons marinheiros das caravelas e galeões!

A nossa bandeira foi agitada pelos ventos de quási todos os mares, tremulou em todos os continentes, acolheu sob a sua acção soberana muitos povos.

Portugal cresceu em fama e em glória, e em respeito.

O horizonte do mundo conhecido, limitado quási às praias do Mediterrâneo, adquiriu maior amplitude.

Ganham em poderio e riqueza as nações e os portos do Atlântico.

Os conhecimentos scientíficos recebem, com as descobertas, uma fresca aragem, que os precisa e amplia: a astronomia, a geografia, a botânica, a zoologia, a antropologia têm ali os seus melhores fundamentos.

Criámos o maior império colonial, onde se derramou a fé e a civilização. E, embora as circunstâncias históricas determinassem a mutilação dêsse vasto e magnificente império, ainda hoje é qualquer coisa de grande e de belo que nos dá — quem sabe? — a razão de ser da nossa própria autonomia.

... « Nesse imenso trato de terreno, diz Forjaz de Sampaio no seu livrinho «*Porque me orgulho de ser Português*», que é preciosa oferenda no altar votivo da Pátria, nesse imenso trato de terreno, onde Portugal vinte e três vezes e meia estaria à vontade, cabem a Espanha, a França, a Itália, a Suécia e a Noruega reünidas. Seis Inglaterras, cinqüenta Suiças e meia, quási cinco Espanhas, catorze Grécias e quási três vezes a Escandinavia é o que diz a estatística que êle de cada vez comporta...»

São dois milhões de quilómetros quadrados, que restam ainda como testemunho imperecível do muito que se trabalhou no áureo periodo das Descobertas.

Só nós, os portugueses, podemos ir da Europa a Lourenço Marques, quebrando a nostalgia do mar, repetidas vezes, para gozarmos durante algumas horas o prazer de estar em nossa casa, pisando terra portuguesa, vendo gente portuguesa, falando a nossa admirável língua!

E' de Brito Camacho, do seu «*A caminho de Africa*», a nota que aí fica, e ela é na realidade uma nota consoladora para o nosso coração.

Mas tudo isto era de mais para uma nação tão pequena, que tem no continente europeu uns escassos 89.000 quilómetros quadrados, dois palmos de terra em confronto com a vastidão territorial dos outros povos europeus!

A apagada e vil tristeza em que se debateu mais tarde Portugal não podia merecer um passado tão cheio de divinas

bênçãos, nem era mister que ficasse a recordação do sangue vertido e derramado através das terras e dos mares!

Como que a um sinal diabólico, do norte da Europa sopra um vendaval de destruïção de quási todos os nossos direitos históricos.

E falam assim:

— E' vossa a ilha da Madeira, essa pérola do Atlântico que emerge das águas, limosa de algas e listrada de espuma, mas foram Roberto Machim e Ana de Arfet, na sua fuga amorosa pelo Oceano fora, os seus primeiros descobridores!

— Tendes pela costa ocidental da África vastos domínios, ricas colónias?

Mas muito antes de vós, já os marinheiros de Dieppe por ali tinham passado, e recordai também que os Fenícios, muitos séculos antes de Cristo, visitaram esses lugares!...

— Pedro Alvares Cabral é para vós como que um anjo tutelar, por vos ter dado a maravilha dum Brasil imenso, mas reparai que êle seguia em direcção à India e que foi ou a tempestade, ou o vento, ou um êrro do pilôto a determinante da sua descoberta!

— As vossas viagens, nos séculos XV e XVI, podem significar apenas que fôstes uma espécie de bandidos do mar, verdadeiros normandos do sul, à cata de riquezas onde quer que elas estivessem!

— Essas viagens adquiriram base scientífica apenas quando Regiomontanus e Martim Behaim deram à Junta de Matemáticos de D. João II as luzes do seu génio náutico.

*
* *

Tais eram, minhas Senhoras e meus Senhores, as acusações que nos faziam historiadores e geógrafos de fama universal, como Humboldt, Ritter, Günther, Ruge, etc.

Está um pouco abalada essa fúria destruïdora, mercê dos trabalhos de crítica histórica e geográfica do Visconde de

Santarém, Luciano Cordeiro, Joaquim Bensaude, Luciano Pereira da Silva, e de outros raros espíritos, em que desejo incluir, como preito de homenagem, dois estrangeiros ilustres, Ravenstein e Gallois.

*

* *

Um pouco abalada, mas não totalmente por terra.

Em muitos e muitos livros de geografia, didácticos uns, de vulgarização outros, — franceses, alemães, italianos, ingleses e hespanhóis, — o capítulo referente à história das Descobertas está ainda cheio de falsidades ou de imperfeições.

Lembrai-vos igualmente de que o sábio almirante Gago Coutinho anda pelo Brasil a proclamar aos críticos nativistas as grandes verdades do nosso brilhante passado...

Bem sei que a desorganização e devastação dos arquivos, a política de segrêdo seguida por D. João II para evitar a concorrência de Espanha e o desconhecimento da língua portuguesa contribuiram para que se tenham diminuído ou esquecido os méritos scientíficos dos nossos navegadores.

Mas, depois da crítica severa feita a hipóteses absurdas ou aparentemente fundamentadas, não é lícito que se reïncida no êrro.

Os portugueses foram os padres mestres do *abc* náutico dos Colombos e Vespúcios, que vieram a ficar distintos nas suas provas de navegadores, para me servir da feliz expressão de Sousa Costa, que recortei do seu livro recente «*As ilhas das três formosuras*».

Passar de mestres a discípulos, não se me afigura atitude digna de nós.

Por nosso lado, não recusamos aos outros a homenagem a que têm direito, pois bem sabemos que a síntese geográ-

fica, hoje estabelecida, é o fruto de séculos e séculos de árduo trabalho e gloriosa perseverança.

O globo que habitamos é actualmente conhecido em quási tôda a sua extensão. A' investigação do homem se esquivam, hoje, apenas, alguns areais da Arábia e do Turquestão, algumas estepes da Mongólia, alguns planaltos do Tibete, e o âmago dessas duas regiões sinistras, a Artida e a Antartida, os dois polos gelados, devoradores de vidas, amortalhando o seu segrêdo em neves assassinas.

Obra colectiva, é certo; mas a acção de Portugal tem o brilho e o predomínio que os outros povos procuram reservar para as suas tradições geográficas.

Acentuemos também que na África, como na Ásia e na América do Sul, não limitámos o nosso esfôrço à exploração dos litorais: avançámos para o interior, reconhecendo territórios e descrevendo-os tão perfeitamente quanto possível para os recursos da época.

Os segredos do continente africano foram desvendados por missionários, sertanejos ou comerciantes, e muito antes de Livingstone, já Duarte Lopes, no século XVI, tinha alcançado as fontes do Nilo.

Não têm razão os que põem constantemente em dúvida a prioridade das descobertas portuguesas na África Central, para darem realce a viajantes estrangeiros, como Battel e João de Helder, que só depois, no século XVII, percorreram territórios, antes percorridos por viajantes portugueses.

Duarte Lopes, o heróico filho de Benavente, é um nome que merece ser bem gravado na nossa grata recordação.

O que sucedeu na África, sucedeu igualmente na Ásia. Não limitámos a nossa acção exploradora ao litoral dêsse vasto continente: ao missionário português Bento de Góis cabe a glória de ter sido o primeiro viajante que atravessou o Pamir, de Ocidente para Oriente.

António de Andrade — 1624-1650 — foi o primeiro europeu que fez a exploração do Himalaia e do Tibete, tendo visto, transido de frio e de fome, as fontes do rio Ganges.

Não neguemos os serviços que, posteriormente às viagens portuguesas, têm prestado os modernos exploradores

scientíficos; mas não nos contestem os serviços prestados ao melhor conhecimento do mundo por viajantes portugueses. (1)

.....

Pena é, Senhores, que se não tenham profundado êstes assuntos com o patrocínio dos governos, reünindo-se todo êsse trabalho em uma obra que seria o orgulho do nome português.

*

* *

Quem se der ao cuidado de examinar as obras de geografia descritiva, escritas por geógrafos e vulgarizadores das sciências geográficas, sejam elas alemãs, sejam francesas, espanholas, italianas ou inglesas, fica desde logo perturbado, confundido ou vexado com os deslizes, os erros, o desconhecimento que através delas se nota na parte em que se referem a Portugal, na tríplice modalidade geográfica: física, humana e política.

Em cem obras por mim examinadas, mais de metade continha erros graves sôbre os aspectos físicos da terra portuguesa; mais de metade reservava a Portugal um número de páginas muito inferior às que se liam sôbre a Espanha, Bélgica, Holanda, podendo mesmo acrescentar o Luxemburgo e quási todos os estados balcânicos.

---

(1) O grande mestre da geografia, Vidal — Lablache (*Etats et Nations de l'Europe*, 1891), não escapou à corrente dos escritores que sistemàticamente apoucavam o nosso mérito de pioneiros das grandes descobertas. Recortamos as seguintes palavras:

Les Portugais ne sont pas cependant aujourd'hui un peuple navigateur, ils ne l'étaient guère davantage au commencement du quimzième. Les Dieppois, les Italliens et même les Catalans les avient précédés dans la voie des grands voyages. Longtemps avant que les Portugais eussent appris à se hasarder loin des côtes, les archipels de Madère et des Açores avaient paru nettement sur les cartes .

Apenas meia dúzia de obras davam sôbre o nosso domínio colonial indicações verdadeiras, ainda que incompletas sôbre alguns assuntos.

Nesta estatística figuram obras espanholas, francesas, alemãs, inglesas, norte-americanas, suissas, belgas, italianas e russas.

Se os geógrafos têm de Portugal um conhecimento tão *perfeito* e *completo,* não será para estranhar que, a cada passo, os comerciantes estrangeiros confundam Portugal com a Espanha, Lisboa com Madrid, Viseu com Sevilha!

Se o Instituto Geológico de Espanha manda elaborar por comissões de Engenheiros de minas, nomeadas pelo Ministério do Fomento, um *Mapa Geológico* de Espanha em que se inclui Portugal de 1385 e de 1640 como região espanhola, não é para estranhar que saísse das oficinas da rua Saint-Lazare, 7, editado para propaganda das exposições de Sevilha e Barcelona, um mapa de Espanha, em que Portugal continental e adjacente são incluídos nos territórios do país vizinho.

Trata-se, talvez, dum êrro comercial ou artístico, explicável desde que os institutos scientíficos dão o triste exemplo dum egoísmo injusto e intolerável.

O que se não pode explicar fàcilmente é que o professor Salvador Madariaga, que rege na Universidade de Oxford um curso de literatura e de história espanhola, escreva para uma revista norte-americana estas *peregrinas «gentilezas»*: *«os próprios portugueses inteligentes consideram Portugal como fazendo parte de Espanha»*.

Admira-me, apenas, que a Universidade de Oxford não tivesse desabado sob o pêso de tamanha heresia, ou que os estudantes da velha e gloriosa Universidade inglesa não tivessem abafado aquelas palavras com uma estridente gargalhada!

*

* *

Como amostra da *fantasia* dos geógrafos franceses — que em matéria de conhecimento geográfico do nosso

país devem levar a palma aos geógrafos dos outros países do mundo — , desejo chamar a atenção dos meus ouvintes para uma obra recente, publicada pela livraria Hachette, e da autoria de Ernesto Granger, professor de História e de Geografia duma escola técnica de Paris.

Esta obra, em dois volumosos tomos, notável pela variada e rica documentação gráfica, mereceu extensos louvores nas colunas das melhores revistas da especialidade.

Vale a pena transcrever desta obra-prima de fidelidade geográfica os períodos que mais podem interessar a nossa curiosidade:

«*Em Portugal há apenas duas cidades com mais de 100.000 habitantes. São Lisboa e Pôrto.* A primeira (atentem, Senhores, na fantasia do professor) não deve a sua beleza aos seus monumentos antigos, porque a cidade, com excepção do célebre convento de Belém, foi *completamente* destruida pelo tremor de terra e incêndio de 1755, mas ao clima encantador, à sua maravilhosa situação sôbre o «mar da palha», à rica vegetação que cobre as colinas de Sintra, de Cascais... e Tôrres Vedras».

.....

O autor continua a ser dum *realismo* que nos perturba, quando se refere aos males de que enferma Portugal: instabilidade do govêrno, numerosas revoluções, péssima administração, caciquismo, indolência e preguiça dos habitantes, penúria e timidez dos capitais.

Verdades? Mentiras? Um pouco das duas coisas!

A conclusão do capítulo é mais grave, porque toca a mesma tecla que de há muito anda a ser tocada pelos arautos da nossa incapacidade colonial.

Ouçamos Ernesto Granger: «As possessões coloniais são tão mal administradas e delas a metrópole tira tão reduzidos proventos, que por mais duma vez se ventilou em Portugal o problema da sua venda. Além disso, parece que,

nas próprias classes dirigentes, se produz uma espécie de indiferença, de fadiga moral, de pessimismo pronunciado, desespêro até, que chega ao suicídio, «*et serait de nature à faire naître les craintes les plus graves pour l'avenir de la nation portugaise*» .....

Como único comentário, direi apenas que o autor confessa no Prefácio que a sua obra resume vinte e cinco anos de observações pessoais, longas viagens e estudos consagrados, sem desfalecimento, à análise dos fenómenos de ordem geográfica!

Como vêem, é um verdadeiro *De profundis*. Adiante!

——— No *Diário de Notícias*, de 26 de abril, lê-se:

«O sr. J. Hergomard, professor do liceu Luis-le-Grand, da Escola Normal do Ensino Técnico e da Escola do Alto Ensino Comercial para as raparigas, publicou uma «Geografia Económica», na qual se encontram, entre outras, as seguintes referências ao nosso país:

«Os portugueses, latinos e católicos romanos, não são, infelizmente, muito mais activos nem instruidos do que os seus vizinhos espanhóis. Desde o tratado de Methwen (1703), Portugal é uma simples colónia britânica.»

NOTA—O ilustre reitor do liceu de Viseu, não há muitas horas, chamou a minha atenção para outra prova da fidelidade geográfica com que os franceses se habituaram a escrever sôbre a nossa gente. E' de Fallex, professor de geografia do liceu Luis-le-Grand, e de Mairey, professor de geografia no liceu de Dijon, a nota para a qual chamaram hoje a minha atenção e que não resisto ao desejo de transcrever.

Para os distintíssimos professores citados, o Português não gosta muito do trabalho, abandonando, por indolência, os serviços mais árduos aos galegos mais submissos. O nosso admirável clima entorpece as nossas energias; e, se tivemos, em tempos distantes, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Albuquerque e Camões, hoje navegamos como «une petite barque de trop forte voilure».

Desta maneira, para Messieurs Fallex e Mairey, *le Portugal chavira soudain*».

Seria um nunca acabar, (1) se pretendêssemos anotar as *geografias*, escritas por franceses, na parte em que se referem à geografia física, política e económica de Portugal. Por mal? Cremos bem que não. Os geógrafos franceses, na sua quási generalidade, conhecem muito bem a sua França, estudando-a em todos os seus detalhes, mas êsse *fervor* geográfico pela sua terra faz com que êles ignorem muito do que pertence aos outros países.

Claud Farrère tinha razão, quando em «*Les hommes nouveaux*» afirmava que o povo francês nada percebia das coisas do mar e que *ignorava* as coisas mais elementares da geografia, tornando-se necessário, segundo o seu valioso parecer, que o francês substituísse as *gazetas* da tarde por *cartas geográficas* do mesmo tamanho dessas gazetas.

E não teria razão Camena de Almeida, professor de Geografia da Faculdade de Letras de Bordeux, para me dizer, em carta recebida em maio de 1924, que «*com o nome de geografia se têm publicado muitos manuais, onde* se perpetuam erros manifestos, *de fabricantes de livros, que fazem manuais geográficos como outros fabricam massas alimentícias, ou calçado ligeiro?*»

Minhas Senhoras e
Meus Senhores!

Não quero deixar de chamar a vossa atenção para uma obra notável, recentemente publicada, onde o nome de

---

(1)—E' curiosa mais esta amostra:

Los portugueses tienen fama de ser muy arrogantes; para ellos su patria es la mejor nación del mundo; sus hombres los más heroicos; sus mujeres las más bellas; son los más grandes guerreros de la humanidad, los mejores artistas .. y no cuenta su historia um solo pintor, um solo escultor, ni siquiera mediano. Camoens, *su principal poeta épico, asi lo reconece. Tienen los portugueses, desde remotos tiempos, um marcado odio a todo lo que sea España ou español;*»

Dr. Juan G. Beltran y Oscar Beltran
Geografia de Europa y Oceania—1927.
pag. 201—Buenos Ayres.

Portugal nem sempre é escrito com aquela imparcialidade e justiça que nós desejaríamos, sempre que a êle se referissem.

Havia até conveniência nacional de que essa obra fôsse largamente apreciada pelos nossos Institutos Scientíficos e que para ela dirigissem especial atenção os governos do nosso país, pela influência que essa obra vai certamente exercer nas agremiações de carácter internacional que se ocupam dos problemas coloniais.

Refiro-me à obra de Isaiah Bowman, (1) director da Sociedade Geográfica Americana, intitulada *New World,* e vertida em francês por Jean Brunhes, Professor no Colégio de França e uma das mais altas individualidades geográficas do mundo.

O volumoso trabalho de Bowman, publicado na colecção «*Biblioteca Geográfica*» da livraria Payot, que é dirigida por Brunhes e Martonne, ocupa-se de todos os problemas do *Mundo Novo,* isto é, do Universo político saído da guerra de 1914-1918 e das transformações que êle sofreu já, desde 1919.

Browman goza na América e na França dum largo prestígio. E' professor duma Universidade americana, director duma florescente Sociedade Geográfica e fêz parte da comissão organizada pelos Estados Unidos para estudar as condições europeias d'*après guerre.* O prestígio e a autoridade de Bowman, o prestígio e a autoridade dos tradutores, os problemas de geografia política versados no *Mundo Novo,* tudo nos leva a admitir a necessidade de reparar num livro que faz o giro de todo o mundo scientífico, político e colonial.

Confesso, antes de tudo, que na obra de Bowman não vejo o propósito de nos vexar, de diminuir o nosso prestígio como nação independente, havendo até algumas apreciações justas com alguns conselhos para atender.

---

(1)—«*Le Monde Nouveau—Tableau Général de Géographie Politique Universelle*».

(Traduzido, adaptado e pôsto ao corrente dos últimos acontecimentos internacionais por *Jean Brunhes,* do Colégio de França), XV—623 pág., Paris, 1928.

Consagra a Portugal o capítulo VII, que intitula *Política e aspirações caloniais de Portugal*. Começa por dizer que a Grande Guerra nos surpreende num período de reconstrução nacional e colonial, actividade que contrasta com a debilidade e fraqueza do regime político substituido pela revolução de 1910.

Entretanto, o divórcio entre o povo e os seus dirigentes vai-se acentuando cada vez mais.

Portugal não está no seu nível normal. País agrícola, nada consagra ao melhoramento das terras.

A região oriental é montanhosa, o Norte muito frio, o Sul muito sêco. Sem capitais para o desenvolvimento da indústria, e com uma emigração anual elevada.

Era natural, diz Bowman, que Portugal tomasse o partido dos Aliados: àlém da sua tradicional aliança com a Inglaterra, fundamentada em sólidas ligações comerciais, Portugal não estava, como a Holanda e a Suissa, em situação que lhe permitisse fazer comércio com a Alemanha. Portugal receava também que a Alemanhá lhe roubasse a sua África Oriental, lembrando-se da violação do triângulo de Kionga, cêrca de 1.000 quilómetros quadrados ao sul do estuário do Rovuma.

O perigo foi-se desvanecendo. A parte tomada por Portugal nas operações inter-aliadas contra a Alemanha na África, garantiram ao pequeno país a posse do seu domínio colonial.

Ao tratar da política colonial, Bowman assegura que a colonização portuguesa restringiu a sua influência à posse e exploração do litoral, preocupados apenas em arrecadar o oiro e aumentar a sua produção. Assim, não tardou que Portugal caísse nos braços da Inglaterra, numa atitude de definida vassalagem económica.

A insuficiência industrial do nosso País, continua Bowman, explica a razão por que as nossas colónias não têm beneficiado a metrópole, sendo tanto mais para lamentar quanto é certo existir muita riqueza nessas nossas possessões ultramarinas.

Depois de descrever os aspectos culturais de Angola e

Moçambique, o autor do *Novo Mundo* conclui com estas palavras:

«Portugal tem receado sempre que as suas colónias lhe sejam roubadas pela Inglaterra ou pela Alemanha, ou que elas proclamem a independência, descontentes como estão com o seu atraso, que essas colónias atribuem a sua sujeição a uma metrópole fraca e enfraquecida.

A Alemanha tem absoluta necessidade dos produtos coloniais de Portugal, tanto mais que as suas possessões perdidas não podem assegurar-lhe a posse dos produtos de que ela necessita.

A União Sul Africana desejaria adquirir Moçambique, ou pelo menos Lourenço Marques. A Bélgica gostaria de prolongar pelo norte de Angola o litoral do seu Congo.

.....

E' absolutamente necessário que Portugal desenvolva nas suas colónias os modernos métodos de agricultura, transforme industrialmente os produtos e dê mais estabilidade à sua vida política.

«C'est á ce prix seulement qu'il pourra redevenir une nation forte et garder son domaine lointain; s'il le perd, le déclin ira s'accentuant». Não esqueçamos estas palavras solenes do prof. Bowman!

Tenho fé em que Portugal manterá as suas brilhantes capacidades colonizadoras, porque os mananciais donde brotaram as poderosas individualidades dos áureos tempos jorram ainda a mesma água cristalina. Para a execução desta obra sagrada, devemos ir procurar a fé nas lições do passado e na compreensão das graves responsabilidades do presente. E' com estas últimas palavras que o Sr. Dr. Carrisso, professor ilustre da Universidade de Coimbra, fecha a sua evocação dos episódios dramáticos das Grandes Des-

cobertas, quando realizou a sua notável conferência sôbre *O problema colonial perante a Nação.*

Tenhamos todos fé que essas migalhas que ainda nos restam do nosso vastíssimo império colonial — e que são o bastante para que sejamos a terceira potência colonial do mundo—, hão-de florescer, com o vigor e a frescura que se desprendem do amor que lhes temos, do Bem que lhes devemos querer.

*
* *

Depois desta curta viagem através das páginas dalguns geógrafos estrangeiros, viagem que não teve o raro privilégio de entontecer o nosso orgulho, nem tam pouco deslumbrar o nosso espírito, importa preguntar:

Será possível proceder à revisão dos juízos erróneos que da nossa terra e da nossa gente fazem os geógrafos estrangeiros?

Para os que preferem o estudo superficial à análise rigorosa e profunda dos aspectos geográficos da Terra, será quási inútil esperar dêles outra coisa que não seja a reïncidência nas ligeiríssimas referências ao nosso País.

Para aquêles que por orgulho desmedido, ou despeito mal contido, ou imerecida antipatia, escrevem sôbre a nossa terra e a nossa gente, será certamente indiferente conhecer ou não conhecer a verdade geográfica: ficará sempre a alusão irónica a testemunhar o critério anti-scientífico dos falsos geógrafos.

Não esqueçamos, porém, que há geógrafos bem intencionados, (1) alguns até amigos de Portugal, aos quais deve

(1) Entre os geógrafos e professores de geografia estrangeiros que revelam nos seus escritos um certo conhecimento dos aspectos geográficos do nosso país, afirmando ainda os seus bons desejos dum mais completo conhecimento, permito-me destacar aquêles com os quais tenho mantido boas relações de camaradagem espiritual: Prof. Joseph Halkin (Liège), Jean Brunhes (Colégio de França), Gonçalo de Reparaz, Pai e Filho (Barcelona), Dr. J. Carandell (Córdova), M. Santaló (Gerona) e Pedro Chico (Sória).

interessar o regular conhecimento das nossas brilhantes tradições geográficas, dos actuais aspectos da nossa actividade económica, da geografia de Portugal continental, insular e ultramarino.

Para êstes, em especial, e até para os primeiros, há a necessidade de sustentarmos as teses geográficas portuguesas, para que das suas obras, dos seus estudos, dos seus artigos se apaguem aquelas expressões que, sendo uma ofensa à verdade, são por isso mesmo um ultraje à nossa dignidade de cidadãos desta adorada Pátria nossa, que tão grandes coisas fêz, dêste Portugal a que a humana civilização é devedora do que a raras nações do mundo deve.

Não me compete a mim indicar os meios de que podemos dispor para evitar ou atenuar o mal que nos causa êsse flagelo dos falsos geógrafos, fabricadores de livros onde se perpetuam erros manifestos.

Compete êsse dever moral aos governos, com a colaboração fervorosa e permanente das agremiações geográficas, com o alto patrocínio da grande Imprensa, com a ajuda eficaz dos nossos representantes diplomáticos junto das nações estrangeiras.

E', afinal, uma obra colectiva. (1)

Todos podem carrear materiais para uma obra a que os governos devem dar a unidade, a síntese, a harmonia, a beleza.

Eu creio que o melhor trabalho a fazer é a preparação duma obra modelar sôbre as *Descobertas, conquistas e colonização dos Portugueses, desde a primeira dinastia*

---

(1) E' elucidativa e desconsoladora esta prova de indiferença pela propaganda da geografia de Portugal, manifestada por uma livraria portuguesa, editora dum Curso completo de geografia destinado ao ensino secundário: — Um colega do Liceu de S. Luís, de Paris, autor dum *Curso Completo de Geografia*, manifestou vivos desejos de examinar um trabalho de geografia de Portugal, aprovado para o nosso ensino médio, a-fim-de se referir, com relativo desenvolvimento, ao nosso país no volume do seu *Curso* consagrado à Europa. Pediu-se à livraria editora que remetesse ao prof. francês o volume desejado, com a indicação do seu custo ao autor destas linhas. Não só não foi remetido o livro, como ainda se furtaram ao incómodo duma resposta sôbre o assunto!

até à actualidade, onde se reúnam os materiais que andam dispersos por livros, revistas e jornais.

Livro de síntese, documentado, claro na exposição, rigoroso nas deduções, óptima apresentação gráfica, eis o trabalho de que se precisa. Obra de muitos? Obra de um só autor?

De um só, ou de vários colaboradores, o verdadeiro e completo *Livro das Descobertas*, o nosso *Livro de Oiro*, há de ser escrito com sciência e com consciência, devendo desprender-se dêle a verdade com a suavidade e a pureza com que a água sai cantando da bôca das fontes...

Depois, tem de aparecer uma verdadeira *Geografia de Portugal,* escrita por um geógrafo português, segundo os modernos conceitos da moderna sciência geográfica, cheio de clareza, cheio de imagens, agradável à vista e agradável ao espírito.

Destas duas obras, verdadeiros breviários do nosso patriotismo, seriam publicadas duas edições, uma em língua portuguesa, a outra em língua francesa.

O dinheiro que se gastasse na publicação dêstes trabalhos, e na sua larguíssima distribuïção pelos principais geógrafos do mundo, vulgarizadores das sciências geográficas, autores de compêndios escolares, representantes de Portugal no estrangeiro, grande imprensa estrangeira,—êsse dinheiro não representava um esbanjamento dum govêrno perdulário. Seria uma acção benemérita para a qual, estou convencido, tôda a Nação contribuiria sem queixume, ou protesto. (1)

A nossa delicada situação colonial impõe-nos ainda a necessidade de nos apresentarmos, sempre que se reúnam em conferências, ou congressos internacionais de geografia,

(1)—O sr. Almirante Gago Coutinho rematou com as seguintes palavras a notável conferência que pronunciou por ocasião do jubileu da Academia das Sciências:

Impõe-se, portanto, a publicação dum livro monumental e nacional que, espalhado pelas bibliotecas de todo o mundo, justifique e vulgarize o adiantamento da Sciência Náutica dos nossos antepassados. Tal monumento seria mais útil que uma estátua de bronze a Vasco da Gama!

os mais ilustres representantes da actividade geográfica dos povos.

Nesses congressos são debatidos problemas que interessam não só aos geógrafos, como homens de sciência, mas ainda aos povos que êles ali representam.

Ganham-se amizades, simpatias, que se refletem num melhor conhecimento dos países.

Para V. V. Ex.as se convencerem de que é tamanha a nossa pobreza que desperdiçamos as oportunidades de comparecer em assembleias scientíficas de proveito enorme para o País, bastará indicar os trabalhos apresentados, com o número de inscrições, no XII congresso geográfico internacional de Cambridge, efectuado em julho de 1928. (1)

Apresentaram trabalhos as seguintes nações: Argentina, Bélgica, Canadá, Checò-Eslováquia, Dinamarca, Egipto, Espanha, Estados Unidos da América do Norte, França, Grécia, Holanda, Inglaterra, Itália, Japão, Noruega, Perú, Polónia, Roménia e Sérvia.

Portugal inscreveu *um* congressista, que não sei quem tivesse sido, quando a Espanha mandou 20 representantes, a Bélgica 7, a França 41, a Inglaterra 251, a Holanda 3, para me referir tão sómente às principais nações coloniais da Europa.

Nesse Congresso, como de resto em todos os outros já realizados, lá figura a secção de geografia histórica e de História da geografia, secção em que os portugueses estavam certamente bem à vontade.

Convenço-me da necessidade urgente de organizar, à semelhança do que se faz em Itália e na França, uma espécie de oficina scientífica que centralize os trabalhos a apresentar aos Congressos Internacionais de Geografia, fornecendo também, a todos quantos cultivam a sciência geográfica, normas e índices de temas diversos, que possam servir de modêlos de obras úteis à Sciência e à Pátria.

---

(1) — Vide — XII Congresso Geográfico Internacional de Cambridge, por Juan Carandell, Córdoba, 1928.

Oxalá que, no próximo Congresso de Paris, Portugal não brilhe mais uma vez pela ausência!

*
* *

Sr. Presidente:

Representa V. Ex.ª o Sr. Ministro da Instrução Pública. E' V. Ex.ª—digo-o sem lisonja—um apaixonado devoto da nossa terra, revelando em todos os seus actos que o anima o ideal da Pátria. Seja, pois, V. Ex.ª junto do Sr. Ministro da Instrução o fiel intérprete da doutrina exposta nesta conferência, que outro valor não tem senão o de chamar a atenção de quem pode para um assunto grave que diz respeito à nossa dignidade, e ao nosso Futuro.

Minhas Senhoras e
Meus Senhores:

Perdoai-me o enfado das minhas palavras e muito obrigado pela vossa gentilíssima atenção.

Não a devo a mim, bem o sei, que nada sou e nada valho.

Não a devo ao valor, à beleza, ao encanto das minhas palavras, que não podiam ter o sortilégio dum acolhedor silêncio.

Devo-a, sim, à idea que presidiu a esta conferência, a êste ideal de amor da Pátria que brilha nos vossos olhares e vive nos vossos corações.

Vivemos, nestes trinta minutos, na mesma comunhão de sentimentos, e dêste eflúvio patriótico desprendeu-se, acolhedor e amigo, o agasalho da vossa atenção.

Disse.

A conferência PORTUGAL E OS GEÓGRAFOS ESTRANGEIROS acabou de se imprimir, em Ilhavo, aos 31 de : : Dezembro de 1929 : :

ERRATAS

Pag. 26—linha 7—*geógrafos* em vez de geógrofos.
Pag. 28—linha 13—*Kergomard* em vez de Hergomard.
Pag. 29—linha 2—*obras de Geografia* em vez de geografias.
Pag. 29—linha 9—*Claude* em vez de Claud.

RÓMULO
CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA
1329693907